

A MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Eidson Lima Damasceno¹, Eivaldo Xavier da Silva Júnior²

Resumo: O presente estudo traz a proposta de utilizar a música como instrumento psicopedagógico no atendimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista – TEA, um transtorno que afeta principalmente as habilidades de linguagem, interação social e comportamento que são essenciais para a construção de aprendizagens, sobretudo em idade escolar. O principal objetivo do estudo foi identificar os fundamentos educacionais e psicoterápicos da música no atendimento psicopedagógico de crianças com TEA. Utilizou-se como fonte de pesquisas artigos, livros, documentos oficiais, entre outros, dando preferência aos artigos publicados entre o ano 2013 e 2017, o que caracteriza a pesquisa como sendo bibliográfica. Os resultados deste estudo mostram que utilizar a música no atendimento psicopedagógico é possível e benéfico às crianças autistas devido os importantes estímulos neurais que a música provoca, gerando como consequência potencialidades para aprendizagens e redução no quadro de habilidades em déficit, além de proporcionar a inclusão da criança com TEA no espaço regular de ensino.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Música. Psicopedagogia. Inclusão escolar.

MUSIC AS INSTRUMENT OF PSYCHOPEDAGOGICAL INTERVENTION IN CHILDREN WITH AUTISTIC SPECTRUM DISORDER

Abstract: This study analyses the use of music like psycho-pedagogical instrument to answer children with Autistic Spectrum Disorders, a disorder that affects abilities like language, social interaction and behave, these are essential elements to build knowledge, especially on school age. The main objective of this study was identify the educational and psycho-pedagogical fundaments of music on answering children with autism. This is a bibliographic research because the analyses was based on scientific articles, books, official documents and so forth, but especially on articles, published between 2013 and 2017. The results shows that the use of music in psycho-pedagogical service is possible and improve abilities in children with autism because it induces the brain to modify by itself and, the consequences are improve the intelligence and physical and social abilities, besides it makes the scholar inclusion easier to children with autism at regular school.

Keywords: Autistic Spectrum Disorders. Music. Psychopedagogy. School inclusion.

¹ Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Pós-graduando em Psicopedagogia pela Universidade de Pernambuco – UPE. Contato: e.ldamasceno@hotmail.com, Juazeiro/BA, Brasil.

² Professor Assistente da UPE, Campus Petrolina. Coordenador da Pós-graduação em Análises Clínicas
Autor Correspondente: eivaldo.junior@upe.br, Recife/PE, Brasil.

Submetido: 30 de agosto de 2018 Aceito em 20 de novembro de 2018

Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma das deficiências mais estudadas no dia a dia de um psicopedagogo em formação, mas, que por tratar de diversos níveis e, por vezes apresentar características que estão fora do padrão esperado, seu acompanhamento na prática pode não ser tão simples (ZANON; BACKES; BOSA, 2014; MENEZES, MACHADO, SMEHA, 2015).

Partindo do fato de que o TEA é um transtorno do desenvolvimento que afeta as habilidades sociocomunicacionais e os padrões de comportamento (GUEDES; TADA, 2015), a discussão trazida à baila por esta pesquisa é o uso da música como um instrumento psicopedagógico no atendimento de crianças com TEA.

A música é uma arte/linguagem potente que tem a capacidade de tocar profundamente, aflorar sentimentos, pensamentos, evocar memórias e tornar as pessoas mais sensíveis (JOURDAIN, 1998). Assim, o autor deixa claro que a música pode trazer colaborações imensuráveis para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças atendidas. O potencial de estimulação cerebral é altíssimo e, partindo deste pressuposto, por que não aproveitar os benefícios que a músicas proporciona para auxiliar pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (NEE)?

É válido enfatizar que o presente estudo investiga o uso da música somente no acompanhamento de crianças com TEA, com o intuito de evidenciar a música como um instrumento terapêutico que pode contribuir muito com o trabalho do psicopedagogo no manejo do referido transtorno o qual não favorece as relações sociais e consequentemente dificulta os processos de aprendizagem. Desta forma, defende-se que o presente estudo possui relevância tanto no âmbito acadêmico como social.

Neste estudo buscou-se compreender o processo educacional de crianças autistas na escola regular; investigar possíveis benefícios em utilizar a música como instrumento educacional e psicoterápico e, deduzir o impacto do uso da música no acompanhamento psicopedagógico de crianças com TEA.

Metodologia

O presente estudo foi norteado por uma perspectiva qualitativa, na qual analisou-se a possibilidade de utilização de um instrumento, neste caso a música, no acompanhamento psicopedagógico de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na literatura científica. Esta pesquisa não teve a pretensão de realizar testes empíricos e/ou qualquer intervenção *in loco*, deste modo, a coleta de informações se deu, exclusivamente, através de materiais escritos, físicos ou digitais, sendo uma revisão na literatura.

De acordo com Gil (2002), entende-se por pesquisa bibliográfica aquela que é desenvolvida a partir

de material já elaborado, principalmente livros e artigos, corroborando com Severino (2007). Desta forma, ele acredita que pesquisas desta natureza são vantajosas no sentido de que oferecem ao investigador uma maior abrangência de fenômenos do que se teria numa pesquisa direta. Classifica-se o estudo como sendo de natureza básica por tratar de um assunto já existente (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010).

Neste estudo utilizou-se como critério de análise, artigos científicos publicados entre 2013 e 2017, encontrados, principalmente, no Google Acadêmico, utilizando-se os descritores booleanos (*and, or e not*), a fim de facilitar a busca por artigos relacionados ao tema. Além do ano de publicação, elegeu-se artigos com títulos relacionados ao autismo, à música e à inclusão escolar, publicados em Português e Inglês.

Inicialmente selecionou-se 70 artigos no período de novembro de 2017 a fevereiro de 2018. No entanto, após a leitura dos resumos, foram desconsiderados 59 artigos, utilizando-se apenas 11, os quais apresentaram maior relevância para a proposta do estudo. Não foi possível manter os artigos como fontes únicas de pesquisa, pois, em alguns momentos foi necessário utilizar documentos oficiais e livros para fundamentar a discussão, como por exemplo, a Lei 9394/96 para falar da legislação educacional e Gardner (1994) para fundamentar a Teoria das Inteligências Múltiplas, a qual é o próprio criador. Foram utilizados livros publicados entre o período de 1994 a 2007.

Resultados e Discussão

Conhecendo o Transtorno do Espectro Autista

O termo autismo, aparece inicialmente com Eugen Bleuler no ano de 1907 e, posteriormente, ressignificado e melhor investigado por Leo Kanner em 1943. Este termo nos dá a ideia de um indivíduo que vive em torno de si mesmo de uma maneira atenuada, fora dos padrões esperados, como uma espécie de rescisão com o mundo externo. Deste modo, Kanner observava que esse distúrbio se caracterizava principalmente pelo comprometimento das relações sociais (MARTINS; MONTEIRO, 2017), nas quais o sujeito se mantém socialmente isolado.

Atualmente, define-se o TEA como uma condição neurodesenvolvimental que surge nos primeiros anos de vida de uma criança e que se caracteriza por alguns sintomas alvo: dificuldades para estabelecer interações sociais, déficit no âmbito comunicacional e comportamentos repetidos e restritos (APA, 2013 *apud* BACKES; ZANON; BOSA, 2017). Sendo que os dois primeiros sintomas estão inter-relacionados, se considerarmos que é pouco provável estabelecer relações sociais sem que haja comunicação entre os sujeitos (REIS; PEREIRA; ALMEIDA, 2016). Desta forma, entende-se que se trata de uma síndrome comportamental.

Embora possa haver outros sintomas e/ou transtornos associados ao indivíduo com TEA, este

estudo se atem a explicar sobre a tríade interação, comunicação e comportamento, que de acordo com Martins e Monteiro (2017) é o conjunto sintomatológico mais comum aos indivíduos com TEA, segundo as definições do atual *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM-V). Como já mencionado, os sintomas se manifestam de diferentes formas e intensidade em cada indivíduo a depender do grau em que se desenvolveu o TEA, podendo variar desde os casos mais severos (comportamentos disruptivos, fala ausente, etc.), até os considerados mais leves (demonstra afeto e tem boa cognição) (MARTINS, MONTEIRO, 2017).

No que se refere às interações sociais, muitos acreditam que há um isolamento total da criança autista, o que acontece é que ela adota comportamentos diferenciados dos padrões sociais de interação, como por exemplo, contato visual pobre e sem intenção comunicativa, tem preferência por objetos e não por pessoas, não demonstra afetividade, tem dificuldade de auto percepção, isto é, não se reconhece como indivíduo/sujeito, é comum tratar de si mesmo na terceira pessoa (ZANON; BACKES; BOSA, 2014).

Uma das características mais importantes para o diagnóstico do TEA é a dificuldade com brincadeira coletiva devido ao comprometimento da atenção compartilhada, que é uma habilidade inerente a situação de interação entre a criança e um adulto em torno de um objeto (BACKES; ZANON; BOSA, 2017). Esta habilidade tem alto grau de complexidade e está diretamente relacionada ao desenvolvimento da linguagem, da concepção do outro como ser social e da intencionalidade da prática sociocomunicativa (idem). Nessa assertiva, se percebe o quanto que um déficit na habilidade de atenção compartilhada, pode comprometer as relações sociais de um indivíduo.

Em relação às características comunicacionais, pode-se encontrar, entre outras: dificuldade de compartilhar oralmente ou não, aquilo que sente, pensa ou quer; utiliza-se de termos que só ele entende, apresenta ecolalia (repete aquilo que a outra pessoa fala ou pergunta para ele); não dá ênfase de acordo com a emoção do que está sendo falado, isto é, não modifica a entonação, intensidade ou ritmo da fala; não demonstra reciprocidade, uma pessoa fala com um autista esperando alguma reação lógica, mas, ao invés disso ele pode simplesmente ignorá-la (REIS; PEREIRA; ALMEIDA, 2016).

Outra característica marcante é a dificuldade em compreender linguagem figurada, piadas, expressões faciais, entre outras linguagens que não sejam literais como lembram Velloso; Duarte; Schwartzman (2013) em seus estudos sobre as teorias cognitivas e da Teoria da Mente (*The Theory of Mind*), em torno de sujeitos com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Tratando-se das características comportamentais, embasado principalmente em Backers, Zanon e Bosa (2017), elenca-se como principais ações de um indivíduo com TEA: padrões de comportamento restritos e estereotipados (repetidos e sem finalidade). Apresentam resistência a mudanças, querem sempre manter uma rotina, demonstram apego excessivo a objetos específicos, têm fascínio com movimentos de peças, como por exemplo, as rodas de um carrinho, manuseia objetos de uma maneira que foge do contexto, ritualismo, pouca criatividade, tendência a coleções/acumulações, manias alimentares, auto e hétero

agressividade, medo excessivo em situações não consideradas normais, não têm noção de perigo (não apresenta medo quando deveria), hiperatividade e falta de atenção também são bastante comuns.

Ainda que se tenha mais conhecimentos sobre o TEA, é importante que o seu diagnóstico seja feito realizado de forma multidisciplinar, como advertem Menezes, Machado e Semeha (2015), mencionando que os diversos profissionais contribuem com seus relatórios, a família relatando o comportamento do cliente em casa e em situações em que demandem interação como vídeos de aniversários, passeios, encontros de famílias, etc. Todas as informações devem ser norteadas pelas normas do manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais - DSM-V, pode-se utilizar, de acordo com a capacitação do profissional, testes neuropsicológicos e escalas de avaliação de linguagem e comportamento como: *M-CHAT (Modified Checklist for Autism in Toddlers)*, *CARS (childhood autism rating scale)*, *ADOS – 2 (Autism Diagnostic Observation Schedule, Second Edition)* e *ADI – R (Autism Diagnostic Interview - Revised)*, que podem ser encontrados através da internet.

Crianças autistas na escola regular

Embora a intencionalidade não tenha sido nobre, a educação escolar chega ao Brasil em meados de 1500 trazida pelos Jesuítas que tinham a missão de catequisar os nativos e facilitar as ações colonizadoras dos portugueses. Foi nesse contexto que a educação escolar de fato ficou voltada aos filhos dos nobres (RIBEIRO, 2007).

Atualmente os brasileiros têm direito à educação assegurado pela Constituição Federal de 1988 e, normatizado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 – LDB 9.394/96, que garante, entre muitas outras coisas, a gratuidade do ensino público nos espaços oficiais de educação, que são as escolas (BRASIL, 1996).

No capítulo V da Lei 9.394/96 o direito à educação é também assegurado para os indivíduos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação (BRASIL, 1996). Isso acaba gerando algumas questões como: Os profissionais estão preparados para dar conta desta demanda? A inclusão de sujeitos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) se concretiza de fato na escola regular?

Para uma boa construção de conhecimentos é necessário que haja, em sala, uma boa relação entre os sujeitos envolvidos nesse processo (professor - aluno e aluno - aluno), no qual todos, inclusive os indivíduos com NEE, precisam sentir-se parte integrante e ativa do/no grupo escolar no qual está inserido (MAGALHÃES et al. 2017). Partindo deste pressuposto, o processo educacional pode ser complicado para as crianças com TEA, caso a equipe pedagógica não esteja devidamente munida de conhecimentos para proceder, corretamente, com esta clientela que apresenta disfunções de interação, comunicação e

comportamento.

Como mencionado anteriormente, as pessoas com TEA têm déficit no âmbito da atenção compartilhada, o que compromete a capacidade de direcionar sua atenção a um evento/objeto/símbolo juntamente com outra pessoa (GIACONI; RODRIGUES, 2014). Este déficit afeta as habilidades linguísticas e as capacidades imitativas e de percepção de si e dos outros enquanto seres sociais, bem como de interpretar olhares e expressões deixando-os limitados enquanto a capacidade de expressão (BACKES; ZANON; BOSA, 2017).

Existem várias especificidades que um sujeito com TEA pode apresentar, dentre essas é pertinente citar, de acordo com Giaconi e Rodrigues (2014): distúrbios psicomotores, de sinestésias, desordens espaço-temporais, comprometimento de coordenações perceptivas, déficit relacionado a emoção e afetividade, dificuldade de adaptação a pessoas e/ou lugares, desordem no pensamento e na comunicação.

Toda esta sintomatologia, segundo Martins e Monteiro (2017), pode ser mal interpretada pelos pais, professores, cuidadores, etc. e estes acabarem afastando-se da criança autista acreditando ser a melhor alternativa. Sobre isso, as autoras defendem que é preciso tomar cuidado, pois o que acontece é a dificuldade em atribuir sentido e significado às ações da criança e que, para as autoras:

Tomando como base a teoria histórico-cultural, partimos do pressuposto de que é o outro que vai significar o mundo para a criança. Isto quer dizer que é através dos sentidos que os outros atribuem às ações da criança autista que tais ações ganham significado e passam a fazer parte de seu universo simbólico. Esta relação é de natureza dialética, isto é, a criança produz uma ação que é interpretada pelo “outro” e devolvida à criança que, por sua vez, passa a interpretá-la e aos poucos vai se construindo um sentido partilhado “eu-outro”. (MARTINS; MONTEIRO, 2017).

Deixando claro que ao invés de se distanciar da criança autista, deve-se procurar significados em suas ações e incentivar sua participação em atividades grupais, sobretudo no espaço escolar, para que se crie condições adequadas ao seu desenvolvimento e superação das fragilidades de relacionamento.

Giaconi e Rodrigues (2014) advertem a necessidade de, antes de conseguir efetivar a inclusão das crianças com TEA na sala de aula, deve-se preocupar com a estruturação dos espaços e dos tempos. Portanto, é preciso projetar espaços (sem muita informação como cartazes e enfeites para não provocar sobrecarga perceptiva), e, ações contextualizadas com a realidade do educando com TEA, ou qualquer clientela com NEE, sem perder de vista a flexibilização do tempo que estas crianças demandam para construir aprendizagens.

Magalhães et al. (2017) elencaram algumas dicas para fazer acontecer a inclusão de crianças com TEA na escola regular, dentre as quais destacam-se: formação continuada dos professores a fim de garantir atualização pedagógica; o professor avaliar a si, aos instrumentos utilizados e os resultados obtidos, como um pesquisador de sua própria prática; investimento nos cursos de formação de professores; uso de tecnologias desenvolvidas na perspectiva da educação especial. (idem).

Os autores ainda sugerem o uso de alguns métodos de ensino para educandos autistas, como o *Applied Behavior Analyzis* (Análise Aplicado do Comportamento (ABA)), que consiste numa técnica de ensino oriunda do behaviorismo, a qual tenta através de reforço e repetição, ensinar habilidades que a criança autista ainda não possui. E o método *Picture Exchange Communication System* (Sistema de Comunicação pela Troca de Figura) – PECS, criado em 1985, baseia-se nos mesmos princípios do ABA, porém, está mais voltado ao déficit comunicacional. Entre outros métodos que podem ser estudados e utilizados da forma que melhor atender aos alunos.

Fica claro nesta seção do estudo, que a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na escola regular é possível, no entanto, é um grande desafio que requer muito esforço e trabalho conjunto de todos os profissionais envolvidos no manejo do TEA, bem como da família da criança autista que é peça fundamental para o sucesso do trabalho. Portanto, é necessário que também haja formações e treinamentos para os familiares/cuidadores da criança para que se tenha o melhor resultado possível para o educando.

A música e seus potenciais de aprendizagem

No dicionário Aurélio podemos conferir a definição da música como sendo “[Do gr. *mousiké*, pelo lat. música] S. f .1. Arte e ciência de combinar os sons de modo agradável ao ouvido.” (FERREIRA, 2009, p. 1378). Tarriconi (2016) destaca que além, de arte e ciência, pode-se considerar a música como linguagem universal presente no cotidiano das pessoas desde a mais tenra idade, ainda de acordo com a autora:

A cada momento, a cada gesto realizado, a cada som articulado, vivencia-se música: como linguagem primeira, no ritmo do próprio coração quando ainda éramos simples feto, nas vibrações da fala da mãe, sentidas dentro da sua barriga, em nosso soluçar quando bebês; como experiência das cantigas de ninar, dos chocalhos e brinquedos sonoros. (TARRICONI, 2016).

Composta por harmonia, ritmo e melodia a música fomenta emoções, reações e sensações variadas, a depender da subjetividade de quem a consome, pois “Cada um de nós tem seu próprio estilo de ouvir, uma tendência a prestar atenção a certas características da música [...]” (JOURDAIN, 1998). O fenômeno de influenciar tanto as emoções das pessoas pode ser compreendido a partir da teoria da discrepância, na qual, o referido autor, explica que a emoção tem origem no inesperado, desta forma, se acontecer exatamente o que você espera nenhuma emoção forte é gerada. No entanto, se a suas expectativas são superadas a emoção positiva acontece. Partindo desse princípio, “[...] é fácil ver como a música gera emoção. A música cria previsões e depois as satisfaz. Ela pode reter suas resoluções, assim aumentando

as previsões e, depois, satisfazer as previsões com um grande jorro de resoluções.”. (JOURDAIN, 1998).

Muitos estudos são realizados em torno da relação entre música e inteligência, nesta seção consideraremos a Teoria da Inteligências Múltiplas. Nessa teoria, Gardner (1994) considera que inteligência é a capacidade de resolver problemas e criar projetos úteis pelo menos em determinados cenários culturais a partir de diferentes meios: Linguagem, música, lógica, enfim, a partir do que ele chama de Inteligências Múltiplas. Essas inteligências são elencadas da seguinte forma: Inteligência linguística; Inteligência lógico-matemática; Inteligência espacial; Inteligência corporal-cinestésica; Inteligência interpessoal; Inteligência intrapessoal e Inteligência musical. Além de outras que ainda estão sendo estudadas.

Por ser músico, Gardner se dedicou muito à Inteligência musical, ela está relacionada à sensibilidade a sons, ritmos, entonação, melodia, criação e aos diversos elementos referentes a música. Nenhuma inteligência surge tão precocemente quanto a musical (GARDNER, 1994), o que dialoga com as afirmações de Tarriconi (2016), trazidas no início deste capítulo.

Diante da inegável relação entre música e desenvolvimento cognitivo, a seguir, será melhor compreendido de que maneira a música pode beneficiar crianças com TEA, auxiliando na superação ou diminuição de habilidades deficitárias.

Possíveis impactos da música no atendimento psicopedagógico de crianças autistas

Viu-se ao longo do presente estudo que a inclusão escolar da criança com TEA é fundamental para que os déficits de comunicação e interação social não sejam agravados e, a qualidade de vida da criança autista seja aprimorada (MENEZES; MACHADO; SMEHA, 2015). Para isso, é imprescindível que se tenha um profissional capacitado para fazer o acompanhamento do progresso das aprendizagens da criança com TEA, orientar o (a) professor (a) e o (a) cuidador (a) que auxilia em sala de aula. (idem).

A psicopedagogia, segundo as autoras:

[...] instituiu-se como saber independente e complementar a outras áreas de estudo, tendo como objeto de estudo o processo aprendizagem e recursos diagnósticos próprios. A partir disso, a psicopedagogia apresenta um caráter interdisciplinar, pois busca na psicologia, psicanálise, linguística, pedagogia, neurologia e outras áreas afins os conhecimentos necessários à compreensão dos processos de aprendizagem.” (MENEZES; MACHADO; SMEHA, 2015, p. 3).

Por esta razão acredita-se que o profissional mais indicado para ocupar a posição, descrita anteriormente, é o psicopedagogo pelo seu preparo no âmbito da aprendizagem e seus problemas.

O psicopedagogo pode fazer intervenções no acompanhamento de crianças com TEA a partir dos

diversos métodos existentes como: ABA, DTT (Treinamento por Tentativas Discretas), TEACCH (*Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children*), PECS, entre outros. No entanto, é de suma importância que, independente da metodologia utilizada, o profissional tenha sensibilidade e criatividade para adaptar materiais e criar estratégias que motivem a criança a querer continuar aprendendo (MENEZES: MACHADO; SMEHA, 2015). Ainda de acordo com as autoras, acredita-se que pequenas atitudes como palavras de incentivo, elogios e recompensas, são essenciais para estabelecer um bom relacionamento com a criança com TEA e mantê-la em constante aprendizagem.

Pensando nestas necessidades de sensibilidade, criatividade, ludicidade, interação social, dinamismo, comunicação, entre outras que as crianças com TEA demandam, traz-se a proposta de utilizar a música como instrumento psicopedagógico para atender boa parte das carências de desenvolvimento apresentadas pelas crianças autistas na escola.

A música apresenta a capacidade de potencializar a aquisição de habilidades fundamentais para o desenvolvimento físico, cognitivo e socioemocional devido a sua capacidade de estimular conexões neurais e aumentar o período de sobrevivência dos neurônios (TARRICONI, 2016). Nesse sentido, são claras as mudanças que os estímulos musicais provocam nas pessoas, não está apenas na obtenção de habilidades cognitivas e socioemocionais, mas, também na estrutura física do cérebro (TARRICONI, 2016).

Ainda de acordo com a autora, o aumento da sobrevivência de neurônios e as sinapses induzidos pela música, acontece devido a capacidade do cérebro de estar em constante desenvolvimento, adaptando-se às necessidades que surgem ao longo da vida, a isso ela chama de plasticidade cerebral (TARRICONI, 2016).

Além de arte, a música é essencialmente uma linguagem universal, presente em toda cultura desde as épocas remotas. Tarriconi (2016) fala de um estudo realizando sobre a ligação entre habilidades musicais e consciência fonológica, cujo resultados mostraram o seguinte:

Compartilhamento de mecanismos auditivos e/ou cognitivos entre a música e a linguagem, envolvendo habilidades musicais e a consciência fonológica, evidenciando contribuições relevantes para os estudos sobre desenvolvimento infantil e transferências cognitivas. (ARAÚJO, 2010 apud TARRICONI, 2016, p. 109).

Pendeza e Souza (2015) lembram que, mesmo conscientes dos benefícios, muitos profissionais evitam o uso da música, como instrumento psicoterápico, devido à falta de formação, tanto para os professores quanto para os psicopedagogos. Quanto a isso, além da possibilidade de buscarem seu aperfeiçoamento profissional por si mesmos, as autoras supracitadas sugerem o trabalho conjunto com professores de música e afirmam ser possível trabalhar com pouco material, dando o exemplo da música corporal, na qual o recurso utilizado é o próprio corpo. As autoras reafirmam a pertinência de utilização

da música no atendimento a crianças com TEA por acreditarem que ela é naturalmente inclusiva pelo seu caráter de linguagem universal, no qual todos são, de uma maneira ou de outra, afetados.

Em relação à formação do psicopedagogo, acredita ser bastante proveitoso o estudo sobre música, uma vez que possibilita foco no aperfeiçoamento das necessidades específicas dos clientes com TEA e, assim potencializar melhor suas aprendizagens e habilidades cognitivas e sociais. Além disso, alcançar tais resultados se faz necessário trabalhar a música de forma ativa, com experimentação corporal e instrumental e não apenas como pretexto para realizar outras atividades. (PENDEZA; SOUZA, 2015).

Visto que a música é traduzida como linguagem, arte e cultura, é válido ressaltar que é também uma atividade lúdica, o que no contexto educacional, é crucial para proporcionar prazer, interesse e, potencializar a criatividade, a interação social e a comunicação, tanto em sala de aula quanto no atendimento psicopedagógico. Fica claro, portanto, que o uso da música durante o percurso educacional é fundamental para o desenvolvimento integral dos sujeitos, sejam eles neurotípicos ou não. Desta forma, sua utilização no atendimento psicopedagógico de crianças com TEA é válida e benéfica.

Considerações Finais

O presente estudo se propôs a investigar a música enquanto instrumento psicopedagógico no atendimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto da escola regular e os possíveis impactos dessa ação no desenvolvimento das crianças autistas.

É compreensível que, diante de tanta complexidade na escolarização de crianças autistas, alguns profissionais da escola regular possam apresentar resistência e insegurança ao se deparar com um autista em sua sala, pois, já não é uma tarefa fácil educar indivíduos neurotípicos e, fazer isto simultaneamente com sujeitos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE), é um desafio enorme. Contudo, é importante manter um olhar sensível para o fato de que, além das Necessidades Educacionais Especiais, o aluno autista também é humano e tem necessidades comuns.

A partir do estudo constatou-se que os impactos da utilização da música no atendimento de crianças com TEA são positivos pelo fato de servirem como estímulos para o aumento de conexões neurais e, conseqüentemente, fomentarem a aquisição de habilidades físicas, cognitivas, socioemocionais, psicomotricidade fina, melhora na linguagem, entre outras habilidades que podem estar prejudicadas nas crianças com TEA.

Não se deve pensar que o objetivo da música no atendimento psicopedagógico é formar músicos profissionais e exímios instrumentistas, o que não é ruim se acontecer, porém, o objetivo de auxiliar as crianças a tornarem-se conscientes de si enquanto seres sociais e ampliar potencialidades e reduzir déficits nunca deve ser perdido de vista.

É importante ressaltar que, neste estudo, a música foi considerada, enquanto contexto de inclusão, com objetivos específicos para as necessidades educacionais especiais de crianças com TEA e não puramente para formação de músicos. Nessa perspectiva, chama-se atenção para a formação continuada e trabalho multidisciplinar, pois, caso a música não seja utilizada de forma condizente com os objetivos, pode ter efeito reverso e se tornar mais uma atividade enfadonha que leva a criança a pensar que o lado bom da escola é o lado de fora.

Não se pode considerar o presente estudo como algo completo e acabado, este é o início de uma jornada nos caminhos misteriosos do autismo no qual pretendemos realizar estudos empíricos posteriormente para se ter uma experiência mais palpável em que se possa identificar fragilidades e potencialidades da proposta aqui discutida.

Referências

BACKES, B.; ZANON, R. B.; BOSA, C. A. Características Sintomatológicas de Crianças com Autismo e Regressão da Linguagem Oral. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 33, 3343, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722017000100403&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 Fev. 2018.

BRASIL. **Lei Nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília: Ministério da Educação, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 21 Fev. 2018.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 4 ed. Curitiba: Positivo, 2009.

GIACONI, C.; RODRIGUES, M. B. Organização do espaço e do tempo na inclusão de sujeitos com autismo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v39, n3, p687-705, set. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362014000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 Fev. 2018.

GARDNER, H. **Estruturas da Mente: a teoria das inteligências múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUEDES, N. P da S.; TADA, I. N. C. A produção científica brasileira sobre autismo na psicologia e na educação. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 303-309, 2015. Disponível em: <revistaptp.unb.br/index.php/ptp/article/view/2188/775>. Acesso em: 09 Fev. 2018.

JOURDAIN, R. **Música, Cérebro e Êxtase: como a música captura nossa imaginação**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998. 441p.

KAUARK, F.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. **Metodologia da pesquisa: Guia prático**. Itabuna: vialitterarum, 2010. 88p.

MAGALHÃES, C. J. S.; MORAIS, C. S.; CRUZ, J. G. M.; SAMPAIO, L. M. T. Práticas inclusivas de

alunos com TEA: principais dificuldades na voz do professor e mediador. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, p.1031-1047, 2017. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/rpge/article/view/10386>>. Acesso em: 13 Fev. 2018.

MARTINS, A. D. F.; MONTEIRO, M. I. B. Alunos autistas: análise das possibilidades de interação social no contexto pedagógico. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v.21, n.2, p.215-224, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572017000200215&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 Nov. 2017.

MENEZES, G. B.; MACHADO, L. S. P.; SMEHA, L. N. A atuação psicopedagógica diante do processo de aprendizagem de crianças com autismo. **Disciplinarum Scientia| Ciências Humanas**, v.16, n.1, p.1-11, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.unifra.br/index.php/disciplinarumCH/article/view/1836>>. Acesso em: 02 Fev. 2018.

PENDEZA, D. P. A educação musical como instrumento psicopedagógico no atendimento de crianças com transtorno do espectro do autismo. **DAPesquisa**, v.10, n.13, p.156-170, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/5029>>. Acesso em 09 Fev. 2018.

REIS, H. I. S.; PEREIRA, A. P. S.; ALMEIDA, L. S. Características e Especificidades da Comunicação Social na Perturbação do Espectro do Autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.22, n.3, p.325-336, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382016000300325&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 Nov. 2017.

RIBEIRO, M. L. S. **História da Educação Brasileira: A Organização Escolar**. 20 ed. Campinas - SP: Autores Associados, 2007. (Coleção memória da educação).

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

TARRICONE, K. A música na interface da aprendizagem. **Revista Internacional de Educación Preescolar e Infantil**, v.1, n.2, 2016. Disponível em: <<http://journals.epistemopolis.org/index.php/eduinfantil/article/view/931>>. Acesso em: 23 Fev. 2018.

VELLOSO, R. L.; DUARTE, C. P.; SCHWARTZMAN, J. S. Evaluation of the theory of mind in autism spectrum disorders with the Strange Stories test. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, São Paulo, v.71, n.11, p.871-876, 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-282X2013001200871&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 Nov. 2017.

ZANON, R. B.; BACKES, B.; BOSA, C. A. Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v.30, n.1, p.25-33, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722014000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 Fev. 2018.

■